

ARTE

DOR UNIVERSAL

Mas o que importa a nossa amargura? Olha em volta, ausculta a Natureza e verás afinal que não sofremos nós, que a Dôr vagueia á solta, que o sofrimento é lei comum, universal.

Desde o Homem á planta, a Dôr barne em revolta forçando atingir a méta dum Ideal, e até no sér minciro ella apparece envolta na santa aspiração á célula vital...

Num s'forço doloroso a Raiz surge á luz: sofrendo é que o botão dá flôr e dá semente, sofrendo é que o animal aneia a ser conciente!

Ah! se herdâmos, nascendo, o fardo duma cruz, se temos de sofrer a dura lei da Sorte, não será bela a Paz inconciente da Morte?

J. REGALA.

"A Nacionalização do Ensino"

FOR

João de Barros

II

Ha, porém, aqui algumas objeções a esta conclusão — a *instituída*, ao sair do seu paiz, cerrou o coração a toda a simpatia, a todo o afeto, a todo o carinho por quem. Nem a inocencia, a belêza tão suggestiva da criança a comove. Nem, sequer, afeta querê-lhe bem, mostrando-lhe, ao menos, delicadeza! Eis a conclusão a que chegáramos, accitando aquêlle criterio.

Por este modo de ver, chegáramos a esta conclusão — a *instituída*, ao sair do seu paiz, cerrou o coração a toda a simpatia, a todo o afeto, a todo o carinho por quem. Nem a inocencia, a belêza tão suggestiva da criança a comove. Nem, sequer, afeta querê-lhe bem, mostrando-lhe, ao menos, delicadeza! Eis a conclusão a que chegáramos, accitando aquêlle criterio.

Entre esses factores, cita, como de grande força dissolvente, o ensino directo das linguas vivas a crianças de tenra idade. Condêna a *instituída*, porque ella não ama o paiz onde ena e para onde foi, apenas, por espirito de ganancia.

Entre esses factores, cita, como de grande força dissolvente, o ensino directo das linguas vivas a crianças de tenra idade. Condêna a *instituída*, porque ella não ama o paiz onde ena e para onde foi, apenas, por espirito de ganancia.

Ora, admitindo com o autor do livro, que a *instituída* não ame o paiz onde vive, não quer isso dizer que aborreça todos os individuos desse paiz e, muito principalmente, uma criança. Uma criança! Quantas vezes beijamos nós uma criança, filha de inimigos nossos! E, pelo facto dos paes desá criança serem nossos inimigos, não vamos querer-lhe mal, ou, mesmo, desprezá-la. Cedemos, sem querer, á irresistivel simpatia que a sua gracjosidade e fraqueza despertam em nós.

Acotncece mesmo que essa criança nos é, apesar de tudo, confiada para ensinar, e só uma alma grosseira, vil, seria capaz de se vingar d'ella, ou, sequer, ser mais fria no ensino. De resto, a professora ensina só um tanto tempo por dia, tem as suas horas de lição e de passeio, fndas as quaes é livre. Em regra, é assim; ou João de Barros supõe que a *instituída* acompanha a todo o instante os seus discipulos?

Então, á ação do meio familiar, dos paes, dos amigos, etc., ação constante pela palavra e pelo exemplo, será vencida pelo simples contacto com uma estrangeira? E vencida ao ponto que as crianças ficam afastadas «da terra onde nasceram, da paisagem que deviam amar, da belêza que os seus olhos vêem mais frequentemente e de toda essa vida anterior que viveram os nossos antepassados e sobre a qual nós temos que nos apoiar para criar

uma patria livre e forte?» Sufa! Quem tal diria!

Mas uma *instituída* assim é uma propagandista peor que os propagandistas do mormonismo. Será tudo, menos uma professora; o seu fim, nesse caso, é fazer proselitismo e não ensinar a sua lingua. Se elas são assim dessa raça, eu voto por que sejam expulsas todas as professoras estrangeiras de creanças e que se proibam as familias de recorrerem aos de fóra para ensinar os seus filhos. Isto para evitar que, daqui a algum tempo, não sejam francezes, alemães ou inglezes, uma amalgama diabolica, ou, então, que não sejamos alguma assim de indefinivel.

E fica a gente a pensar na consumada estupidez dos pedagogos estrangeiros, alguns dos quaes, como Camillo Demoulins, chegam a mandar os seus filhos a educar á Inglaterra, por exemplo. Que grandes burros!

Ora, vamos lá a raciocinar. Quantas familias ha, em Portugal, em condições de ter uma professora estrangeira? João de Barros faria essa pergunta a si mesmo antes de condemnar a *instituída*? Note se, fazemos esta pergunta, admitindo por um momento com João de Barros, que elle tem razão. E fazemo-la porque ella, só por si, tornaria irrisorio o perigo que porventura existisse.

Além disso — é ou não verdade que nós admiramos o método de vida do povo inglez, por exemplo? Então que perigo haveria em adoptá-lo na nossa vida? Ha o perigo da desnacionalização, dir-me-ão; mas quem assim respondesse, desconheceria a influencia do meio social e cosmico que, por si só, se encarrega de se lhe fazerem adaptar os individuos. Ficariamos inglezados, dir-me-ão ainda; mas então os inglezes não são trabalhadores, energeticos, inteligentes, cheios de iniciativa? E não é esse o objectivo do educador?

O que nós ficariamos é com excelentes principios de luta e, por consequência, tão aptos como eles para grandes empresas e mais portuguezes do que nunca. Filipa de Lencastre era uma ingleza, criada num meio dissoluto; era natural que soffesse a sua influencia, pois casada com um rei portuguez e educadora ella mesmo dos seus filhos, fez deles os maiores homens que a diastia reinante portugueza tem produzido. Excepções, dirá quem nos lê e com excepções não se argumenta; muito bem, não vale a pena refutar; mas, nesse caso, sejam coerentes e vejam na mulher monstro, que João de Barros aponta como exemplo de influencia dissolvente, uma excepção, que o olhar vigilante dos paes sabe evitar a tempo. A mulher normal desempe-

na-se como ninguem da missão de ensinar crianças aida que sejam de nacionalidade diferente e se assim não fosse, não se estabeleceria, como se estabeleceu, a corrente de admiração pela professora estrangeira, mercê da sua preparação, da sua influencia sobre o educando, influencia benéfica que, quando outros resultados não desse, bastaria o de alargar o espirito da criança até á admiração, ao respeito de outros povos.

Ou não será assim? Então João de Deus Ramos, para não citar outro exemplo, comete um grande crime, chamando uma professora estrangeira para dirigir a sua Escola Infancia de Coimbra e que vai ser tomada como exemplo pelas professoras nacionaes. João de Barros não reparou que, na mulher, o sentimento patrio não é tão exclusivo como no homem, talvez porque a sua alma seja suscetivel de outros sentimentos igualmente fortes, o que levou Paulo Mantegaza a afirmar que «a mulher ama a familia humana de preferencia á nação de que faz parte; n'isto é ella mais digna de admiração do que nós porque prevê o tempo feliz, mas aida afastado, em que o nome da patria será como uma mumia gloriosa, depositada nos museus do passado».

Depois, a professora estrangeira é, difficilmente, substituivel por uma professora portugueza, quanto á pronuncia fiel e exata da lingua que ensina.

Numa idade, em que uma falsa noção jámais desaparece, é uma circumstancia muito para atender a competencia profissional.

Porque é na infancia, visto que é dos 5 aos 8 annos que o conjunto das memorias de cada criança aumenta notavelmente, segundo Pérez, que o ensino duma lingua é mais eficaz.

Ha desacordo entre os fisiologistas, quanto á extensão do período em que a memoria dispõe de maior capacidade retentiva, mas no que elles estão de accordo, — pelo menos os que conheço — é que é, sobretudo, entre os 6 e 8 annos, que a facilidade e tenacidade prigidem. João de Barros entende que o ensino das linguas pode começar dos 9 para os 10 annos, é uma opinião de certo fundamentada na sua experiencia e observação pessoal e, por isso, muito para atender.

Acerca disto, passemos adiante; vejamos, antes, outros pontos que nos merecem reparo, que o livro bem merece que se discuta. Mas, agora reparo, que o jornal não se fez só para mim e por hoje basta.

(Continua.)

APOSTOLO.

Os tigres não se domesticam na escola dos homens, mas os homens, algumas vezes, fazem-se ferozes na escola dos tigres.

CHATEAUBRIAND.

Nucleo de Instrução LUX

(Aulas noturnas para adultos)

Continua aberta a matricula nesta agremiação escolar para a nova época, a começar em 1 de outubro proximo. As aulas são inteiramente gratuitas funcionando das 8 ás 11 da noite, sendo das disciplinas lecionadas as seguintes:

Primeiras letras, portuguez, francez, inglez, alemão, esperanto, matematica, desenh. ciencias physico-naturaes ou noções elementares dos principios mais uteis e necessarios á vida pratica.

Os cidadãos que pretendam matricular-se deverão dirigir-se á sede do nucleo, Rua do Cabo, n.º 25, 2.º onde para esse efeito se encontra todas as quintas-feiras das 8 ás 11 horas da noite, o secretario da Direcção.

—Suiu?

—Não.

—Tem visitas?

—Não.

—Então?

—Impossivel; acabam de me oferecer cinco rublos para o ver e neguei-me...

—Mas... se eu lhe desse vinte?

—Isso é diferente—respondeu.

E conduziu-me a uma grande sala onde numa das suas paredes havia um retrato do Czar, frente á estatura da Justiça.

Esperei um pouco. Por fim apparece-me um homem de aspeto grave.

—Deseja V. Ex.ª falar com o governador?—perguntou-me depois de me saudar corretamente.

—Sim, lhe respondi.

—Impossivel. Sua excellencia passou a noite num baile e está fatigadissimo. Temos tanto trabalho!

Recordei-me das palavras de Boris, e, fitando aquêlle homem, lhe perguntei:

—Cem rublos será o bastante?

—Tenha V. Ex.ª a bondade de me seguir; vou ter honra de a guiar.

Conduziu-me a um lindissimo budoir tão lindo como teu.

—E' ella, sim—ouvei dizer perto de mim.

Voltei-me e reconheci a senhora do governador, a Sogna Petrowna,

zeres, morrerás de fome ou de sede. Deixaram-no só. Dois homens pasceavam constantemente diante da porta esperando o papel. Notaram um cheiro a madeira queimada. Ao principio não fizeram caso; mas passados momentos viram sair fumo por onde devia sair o que esperavam. Então, abrirem a porta e no calabouço viram Boris deitado no leito, que estava envolvido em chamas.

Boris, por suas mãos, o havia incendiado.

—Porque?

—Porque temia ser vítima da fome ou da sede, e preferiu morrer a ser traidor.

—

—

Passei uma noite horrivel. Eu tinha a culpa de tudo; eu, que levava Boris a falar, mas eu o salvaria. Iria ao governador de N... e dir-lhe-hia que Boris não me tinha falado de uilismo, que me tinha declarado o seu amor... e faria estas declarações num tom supplicante, que o levaria a convencer-se da innocencia do prisioneiro.

Saj muito cedo e fui direita ao palacio do governador, onde disse a um porteiro que queria falar com o governador.

—Impossivel—respondeu.

Movimento Internacional

INTERIOR

Em Mangualde reuniram-se no passado domingo, 17, varios anarquistas que deliberaram constituir um grupo, sob o titulo de «Grupo de Propaganda Libertaria».

Nessa reunião resolveu-se tambem aderir ao Congresso Anarquista que tem lugar em Lisboa nos proximos dias 11, 12 e 13 de novembro e protestar contra as iniquas prisões dos operarios corticeiros. Antes de se encerrar a sessão foi apresentada a seguinte

MOÇÃO

«O Grupo de Propaganda Libertaria, de Mangualde, ao organizar-se, sauda todos os que lutam em prol da emancipação integral do proletariado».

Toda a correspondencia relativa a este Grupo, deve ser dirigida a David d'Albuquerque, rua Dr. Miguel Bombarda—Mangualde.

«O Centro Instrukção e Propaganda Livre», de Almada, reuniu em assembléa geral no dia 21 do corrente. Falaram varios individuos que verberaram o procedimento das autoridades no processo de Almada e apresentaram uma moção que noutro lugar publicamos.

Foi aprovado um voto de louvor aos revolucionarios espanhols.

No dia 13 de outubro realiza uma sessão publica, comemorando o assassinato de Ferrer, para o que vai ser pedida a cedencia da sala da Sociedade Filarmonica Piedense.

A proxima reunião é no dia 4.

Reuniu-se na passada quinta-feira, 21 de setembro, o «Grupo Renovação Social», Lisboa, que, entre outros assuntos, appreciou os acontecimentos de Espanha, sendo aprovada a seguinte moção:

Considerando que em Espanha o povo trabalhador se encontra, neste momento, em luta com o Capital;

Considerando mais que essa luta é cada vez mais intensa e, como tal, se tornou numa completa revolução;

O «Grupo Renovação Social» resolve:

1.º—Auxiliar, moral e materialmente, qualquer camarada perseguido e aqui refugiado;

2.º—Manifestar a sua simpatia e solidariedade para com os camaradas trabalhadores em luta e o seu protesto veemente contra a tirania de Espanha.

Realiza-se no proximo domingo, 1 de outubro, uma conferencia, promovida pelo grupo, subordinada ao tema «O neo-maltusianismo e os efeitos do alcool, sendo preleitor um camarada ha pouco chegado da Belgica».

EXTERIOR

O anti-militarismo, galgando fronteiras, já chegou á Noruega. Os soldados de Stenjaer, proximo de Evonhjein e de Gasdanon, vendo que alguns dos seus companheiros tinham sido castigados injustamente, revoltaram-se e com o auxilio de espingardas e canhões, conseguiram pô-les em liberdade.

Diz-se que este espirito de revolta se deve á influencia dos recrutas sotrasutas socialistas.

COMPRA-SE:

Um exemplar do folheto «Mulheres não procreem!», por José Teixeira Junior, cuja edição se acha exgotada.

O camarada que necessita desse folheto pede a qualquer pessoa que o queira vender o favor de se dirigir, o mais breve possivel, a A. M., redação deste jornal.

a quem conhecia de muitas reuniões.

—Quer V. Ex.ª falar com meu marido?—perguntou mimosamente. —Quanto o sinto! Agora é impossivel, está descancando. Fatigou-se muito no baile; como não está habituado...

—Não perdi a esperanca.

As mulheres, apesar do que Boris dizia, são boas.

Sogna havia de se compadecer dele. Comecei a falar-lhe. A certa altura interrompeu-me para dizer:

—Que lindos brincois! São opalos, seguramente foram feitos em Paris. Dizem que essas pedras são de mau agouro, mas eu não sou supersticiosa. São formosissimas.

—Que poderia negar-se, offerecendo em troca esses brincois?...

—Envergonhei-me ao ouvir estas palavras e exclamei, tirando-os:

—Tome-os V. Ex.ª

—

Por fim vi sua excellencia, um velho encorçado com ar bondoso que inspirava confiança.

Narrei-lhe tudo: que Boris me tinha recitado versos, que o coronel R... tinha mentido... tudo, enfim. Ele ouvia-me atento, apertando as miçmas mãos entre as suas... Quando me calei; vi duas lagrimas nos seus olhos.

—Venha comigo, disse-me.

Ultima hora

La entrar o nosso jornal na maquina, quando chegou ao nosso conhecimento o caso do Porto.

Dizia, ha dias, Luz de Almeida, numa entrevista com o jornal *A Republica*, que, apesar das hostes couceiristas terem sido já derrotadas, ainda existem em Portugal, dentro do paiz, inimigos declarados da Republica, o que equivale a dizer inimigos irreconciliaveis do Progresso. A confirmação dessas palavras já está!

No Porto tentou-se, mais uma vez, restaurar a monarquia dos Braganças, a monarquia da lei de 13 de fevereiro.

Felizmente, a nova conspiração foi abortada, mas, nem por isso, republicanos radicaes, socialistas e anarquistas, mas nem por isso, revolucionarios portuguezes, deixemos de estar alerta contra qualquer movimento anti-republicano.

Já declaramos no nosso numero 2 qual será a nossa attitude perante qualquer revolta monarchica.

Não somos republicanos. Temos combatido e combateremos aqui o regemio republicano, porque o consideramos incapaz de resolver o problema da miscia, porque, em principio é, como o monarchico e o socialista, contrario á liberdade integral a que todo o homem deve aspirar. Mas nesta hora em que a reação mais uma vez escouceia; julgamos que é nosso dever collocarmos-nos, com sinceridade e energia, ao lado dos defensores da Republica contra os defensores da monarchia.

A postos, revolucionarios. Que ninguém descanse, na luta contra a Monarquia Negra, que nos espreatra!

PORTO, 30, 1 h. t.—Redação do *Agitador*.—Recebi vosso telegramma. Está tudo prevenido para qualquer eventualidade. Descansem. Vocês estejam preparados. Energia!—Souza.

BLASFEMIAS

Afonso de Bourbon vai colaborar com assiduidade n' *O Agitador*.

No proximo numero publicaremos a primeira das crônicas—*Blasfemias*—que o nosso amigo vai escrever e que, de certo, hão de interessar sobremaneira dada a feição demolidora e irreverente que as caracterizará.

Auxiliando a publicação de O AGITADOR

Temos em nosso poder duas subscrições da quantia de 2550 réis, cuja relação publicaremos no proximo numero.

«O NIILISTA»

Devido a não ter chegado ainda do estrangeiro, um processo novo de gravura, não sae, como estava anunciado, este jornal no dia 5, esperando porém a sua administração, que ele se publique, por todo o mez de outubro.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para Silva Junior, Travessa de s Remedios, 3, 1.ª E.—Lisboa.

«O Agitador,, em Cintra

Encontra-se á venda no *Salão Parvir* de Antonio Pires Junior, Praça da Republica, 12, 1.ª

Segui o julgando que me levava ao gabinete onde assignaria a ordem de soltura.

Entramos num gabinete tapizado, de moveis polidos... com quadros estranhos.

De repente soltei um grito! Tinham abraçado e beijava me na boca!

Fugi, Stefana, fugi horrorizada, levando nos meus labios algo da infamia daquele homem.

Fortaleza de... R... no ano de 187...

Voltei para casa e fechei-me no meu quarto. Ali estive tres dias pretextando uma indisposição.

Pensei muito naqueles dias. Uma ideia me dominava sobre tudo; a causa porque Boris se sacrificava não podia ser má causa; todavia que era o niilismo?

Warsawa explicou-me:

(Continua.)

Folhetim de O AGITADOR

A Novela Vermelha

FOR

Catulle Mendés

I

Vendo que nada lhe dizia, o juiz retirou-se.

No dia seguinte voltou e repetiu as mesmas perguntas. Como Boris se conservasse na mesma attitude fez um sinal. Entrou um homem, o verdugo, que empunhava o knout.

Despiram e ataram Boris.

Trinta vezes as correias nodosas com pinchos aguçados rasgaram-lhe a pele. Pela terceira vez o juiz repetiu as suas perguntas:

«—Os nomes dos teus cumplices.» Boris levantou-se e, sem proferir uma palavra olhou, sorridente o juiz e o verdugo.

«—Não queera falar? Pois bem, escreverás—disse o juiz— Sobre essa mesa tens tinta, papel e pena. Desta hora em diante nada entrará no teu calabouço; ninguem te trará agua nem alimento sem que atires lá para fóra com um papel em que apontes os nomes dos teus cumplices. Se não o fi-